



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

VANESSA DE SOUZA FRANÇA

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM:
Instrumentos avaliativos utilizados por professores do município de Lagarto (SE)**

**Itabaiana
2018**

VANESSA DE SOUZA FRANÇA

AValiação da Aprendizagem:
Instrumentos avaliativos utilizados por professores do município de Lagarto Lagarto (SE)

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, do Departamento de Educação do *Campus* Universitário Prof. Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Vasconcelos

Itabaiana
2018

VANESSA DE SOUZA FRANÇA

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM:

Instrumentos avaliativos utilizados por professores do município de Lagarto (SE)

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, do Departamento de Educação do *Campus* Universitário Prof. Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Vasconcelos

Aprovada em: 7 de novembro de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Alberto Vasconcelos
Universidade Federal de Sergipe

Profa. Dra. Betisabel Vilar de Jesus Santos
Universidade Tiradentes – UNIT/SE

Profa. Dra. Isis Mota Rodrigues Dantas
Secretaria Estadual de Educação SEED/SE
Examinador externo

Itabaiana
2018

Aos meus pais, irmãos, meu namorado e a toda minha família, que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A pessoa que sou é reflexo das ações que cometi no passado. Tenho muito orgulho do meu percurso. Será o desfrutar de tantas batalhas que venci, de todos os obstáculos que ultrapassei. Não foi fácil, mas, como tudo na vida, foi possível e hoje estou feliz!

A todos que tornaram possível meu processo acadêmico, que me ajudaram e apoiaram, eu quero agradecer! Pois as conquistas raramente são esforços isolados, mas antes o resultado de um trabalho em conjunto. Em primeiro lugar, quero agradecer infinitamente a Deus pelo dom da vida, por ter permitido que chegasse até ao fim dessa etapa. Agradeço ao meus pais, Ângela Maria e Aristeu, por todo o apoio, compreensão, carinho e muito amor – vocês foram peças fundamentais na minha jornada, sou grata a vocês por ser quem sou hoje. Amo e admiro muito vocês. Aos meus irmãos, Vanderlan, com sua esposa Joelma, Kelvin, Richel, e sua noiva Mabel, Glicéria, Pablo e Aríssia, por toda a paciência, carinho, afeto e apoio de sempre, que nunca deixaram que eu desistisse. A toda minha família Souza e França pelo carinho e incentivo. Agradeço ao meu namorado, Anderson, por estar, nos momentos bons e ruins, sempre presente ao meu lado, dando apoio e não deixando que o desânimo me deixasse desistir dessa conquista – obrigada por todo o seu amor! Te amo!

A minhas amigas e colegas de sala, em especial ao grupo “Amigas da UFS para a vida” Carla, Crislaine, Edilma, Elaine, Iara, Nayra, Rafaela, Mercia e Monise, pelos momentos bons vividos durante esses 5 anos, por toda a ajuda que vocês me deram e pela amizade que ficará – vocês estão em meu coração. Agradeço a todos os professores, em especial ao meu orientador Prof. Dr. Carlos Alberto Vasconcelos, que me ajudou na produção desta monografia, e aos outros professores que passaram por minha formação acadêmica, pois foi graças ao ensinamento deles que hoje irei me formar.

Serei sempre grata a todos vocês por essa conquista!

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas, Graças a Deus, não sou o que era antes”.

Martin Luther King

RESUMO

A avaliação no processo de ensino-aprendizagem, especificamente de alunos, possui grande destaque, que envolve discussões para a educação, pois é importante para determinar o sucesso e o fracasso daqueles que aprendem. Com esta compreensão e tendo em vista que diversos autores enfatizam os instrumentos e metodologias de avaliação por professores como ação contínua de investigação que visa compreender os conhecimentos, atitudes e habilidades dos alunos, a presente monografia tem como objetivo analisar a concepção e os instrumentos de avaliação dos professores de duas escolas municipais de Lagarto (SE). Está fundamentada teoricamente em autores como Luckesi (1999), Hoffmann (2000), Almeida (2012), Esteban (2002) e Haydt (1992), entre outros. É uma pesquisa com abordagem qualitativa, com viés no estudo de caso, com emprego da técnica de entrevista, realizada com seis professoras do ensino fundamental menor. Sabe-se que avaliar os estudantes a partir de instrumentos como provas testes, exames, trabalhos e projetos, entre outros, é ter expectativas de mostrar como está a aprendizagem dos alunos. Infelizmente no nosso país ainda é preciso atribuir notas, mesmo que sejam medidas como categorias, para que o aluno comprove seus conhecimentos para a sociedade, ainda que a realidade nem sempre seja o que está definido por instrumentos, mas sim pelo conhecimento e aprendido. Desta feita, as metodologias que os professores desenvolvem em sala como instrumentos de avaliação podem trazer para o aluno consequências futuras, pois, se uma simples repreensão do professor pode criar um trauma, imagine a reprovação? Sendo assim, o professor tem em suas mãos a autoridade de rever sua metodologia e instrumentos para avaliar seus alunos e sua prática avaliativa. Para as escolas pesquisadas ou pelo menos para as professoras, a pesquisa permitiu pensar sobre o modo como avaliam, que instrumentos utilizam para avaliar seus alunos, e se realmente estão avaliando sem prejudicá-los. Levando em conta esses aspectos, concluiu-se que os objetivos da pesquisa foram alcançados, comprovados pelas respostas das professoras em relação à concepção e aos instrumentos avaliativos. Daí, é necessário avançar nos estudos sobre a utilidade da avaliação na sala de aula para dessa forma alcançar melhorias na qualidade do ensino.

Palavras-chave: Avaliação. Ensino-Aprendizagem. Concepção de professores. Instrumentos de avaliação.

ABSTRACT

The assessment in the teaching-learning process, specifically of students, has a great prominence that involves discursions for education, as it is important to determine the success and failure of those who learn. With this understanding and considering that several authors emphasize the instruments and methodologies of evaluation by teachers as continuous research action that aims to understand the knowledge, attitudes and abilities of the students, the present monograph aims to analyze the conception and evaluation instruments of teachers from two municipal schools in Lagarto (SE). It is theoretically based on authors such as Luckesi (1999), Hoffmann (2000), Almeida (2012), Esteban (2002), Haydt (1992), among others. It is a research with a qualitative approach, with bias in the case study, using the interview technique, carried out with six lower elementary school teachers. It is known that evaluating students from instruments such as test, exams, exams, projects, projects among others is to have expectations of showing how the students are learning, unfortunately in our country still have to assign grades, even if they are measured as categories , so that the student can prove his knowledge to society, because reality is not always what is defined by instruments but by knowledge and learning. This way, the methodologies that the teachers develop in the room as instruments of evaluation, can bring to the student future consequences, because if a simple reprimand of the teacher can create a trauma, imagine the reprobation? Thus, the teacher has in his hands the authority to review his methodology and instruments to evaluate his students and his evaluation practice. For the schools surveyed, or at least for the teachers, they reconsidered how they evaluate which tools they use to evaluate their students if they are really evaluating without prejudicing them. Taking into account these aspects, it is concluded that the objectives of this research were achieved, as evidenced by the teachers' responses to the conception and evaluation tools. Hence, it is necessary to advance in the studies on the utility of the evaluation in the classroom, in order to achieve improvements in the quality of teaching.

Keywords: Evaluation. Teaching-Learning. Teacher Conception. Evaluation tools.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Mapa Político de Sergipe.....	23
------------	-------------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas e Técnicas
EaD	Ensino a Distância
EJA	Ensino de Jovens e Adultos
EMAMSS	Escola Municipal Adelina Maria de Santana Souza
EMFCSH	Escola Municipal Frei Cristóvão de Santo Hilário
EUA	Estados Unidos da América
FAIARA	Faculdade Integrada de Araguatins
IFS	Instituto Federal de Sergipe
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PPP	Projeto Político-Pedagógico
SE	Sergipe
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UNIT	Universidade Tiradentes
UVA	Universidade Vale do Acaraú

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	11
2.	RETROSPECTIVA, CONCEITO E EVOLUÇÃO DA AVALIAÇÃO.....	13
2.1	Retrospectiva histórica da avaliação.....	13
2.2	Conceituando a avaliação.....	16
3.	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA: campo empírico, procedimentos metodológicos e sujeitos investigados.....	20
3.1	Procedimentos metodológicos.....	20
	3.1.1 O município.....	21
3.2	Caracterização do campo empírico.....	23
3.3	Sujeitos investigados.....	25
4.	DISCUTINDO AS CONCEPÇÕES SOBRE AVALIAÇÃO COM OS SUJEITOS	28
4.1	Instrumentos Avaliativos	28
4.2	Analisando e discutindo a concepção de avaliação a partir das entrevistas.....	29
	4.2.1 Concepção dos sujeitos da Escola Municipal Frei Cristóvão de Santo Hilário.....	30
	4.2.2 Sujeitos investigados da Escola Municipal Adelina Maria Santana Souza.....	36
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS.....	42
	APÊNDICE.....	45

1. INTRODUÇÃO

A avaliação no processo de ensino e aprendizagem, ainda se constitui em instrumentos determinantes do sucesso ou do fracasso dos alunos, durante toda a escolarização. É preciso que o professor não utilize instrumentos de avaliação com objetivo apenas de classificar, mas sim para fazer com que os alunos compreendam, desenvolvam e reforcem as habilidades e conhecimentos.

O papel fundamental da avaliação para a formação do aluno é afirmado por Hoffmann (2000, p. 17): “A avaliação é a reflexão transformadora em ação”. Avaliar os estudantes a partir de instrumentos como provas, testes, exames, trabalhos e projetos, entre outros é ter expectativas de mostrar como está a aprendizagem dos alunos. Infelizmente no nosso país ainda é preciso atribuir notas para que o aluno comprove seus conhecimentos para a sociedade, ainda que a realidade nem sempre seja o que está definido somente pelo conhecimento e aprendizado.

A prática avaliativa dos professores reflete diferencial na construção do aprendizado das crianças, sejam eles positivos ou negativos. Pois, se uma simples repreensão do professor pode criar um trauma, imagine a reprovação? Sendo assim, o professor tem em suas mãos a autoridade de rever sua metodologia e instrumentos para avaliar seus alunos e sua prática avaliativa. Há um ponto forte quando o professor tem consciência de que o aluno não está acompanhando sua metodologia, podendo ser resultado dos seus métodos de avaliar que não condizem com a realidade dos alunos, sem dar oportunidade para que eles demonstrem de outra forma o que aprenderam, não somente através de prova/teste.

Desse modo, pretende-se neste trabalho discutir a relevância de utilizar diversificados instrumentos de avaliação, tendo em vista que a maioria dos professores utiliza apenas prova como instrumento avaliativo. Nesse contexto, temos como objetivo geral deste trabalho analisar concepção e os instrumentos de avaliação utilizados por professores de duas escolas municipais de Lagarto (SE). Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, com estudo de caso e pesquisa de campo.

A importância desta pesquisa está em descrever alguns pontos indispensáveis na avaliação da aprendizagem, apontando suas contribuições, para o aprendizado principalmente para os alunos. É necessário avançar nos estudos sobre a utilidade da avaliação na sala de aula para dessa forma alcançar melhorias no processo de avaliação como um todo. A partir desses pressupostos e de aulas na Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Professor Alberto de

Carvalho, surgiu a motivação em pesquisar sobre avaliação de modo a entender como os professores realmente avaliam seus alunos em sala de aula, pois muitas vezes o que eles relatam não condiz com o que realmente fazem. Então resolvi verificar se realmente eles estão fazendo o que dizem, com o intuito de contribuir para o esclarecimento da temática da avaliação, na concepção e nos instrumentos utilizados nas escolas e praticados por professores. Os resultados desta pesquisa poderão contribuir para o desenvolvimento de outras pesquisas, mostrando como a avaliação pode ser compreendida no processo da aprendizagem.

Esta monografia está estruturada da seguinte forma: introdução, três seções (para abordagem do que se trata a avaliação da aprendizagem) e considerações finais. Na primeira seção, será abordada uma retrospectiva da avaliação e um breve histórico com base em alguns dos principais teóricos que antes já pesquisaram sobre o tema. Já na segunda seção, serão abordados o município em questão, os procedimentos metodológicos, o campo empírico, e a caracterização das escolas e sujeitos da pesquisa. Na terceira seção, serão confrontados os dados coletados nas entrevistas as questões teorizadas, culminando com as considerações finais.

2. RETROSPECTIVA, CONCEITO E EVOLUÇÃO DA AVALIAÇÃO

Nesta primeira seção, faremos algumas discussões sobre a avaliação, destacando conceito, evolução, funções e concepção de avaliação, estabelecidos por alguns autores.

2.1. Retrospectiva histórica da avaliação

O modelo tradicional de avaliação da aprendizagem (prova), está fortemente relacionado com o desenvolvimento das teorias tecnicistas e comportamentalistas que ganharam importância principalmente durante a década de 60. Elas buscavam, através da avaliação, julgar a competência do processo de aprendizagem de acordo com o comportamento dos alunos. Por muito tempo, foram dedicados esforços para a produção de testes, inventários, questionários, fichas de registro de comportamento, entre outros. A avaliação da aprendizagem assumiu, durante décadas, a identidade de um instrumento para análise de desempenho final.

E assim com este modelo foram desenvolvidos mecanismos de avaliação de aprendizagem disponíveis até hoje. A predominância de instrumentos investigativos da aprendizagem nesses ambientes reflete no futuro a concepção mecânica de avaliação como testes de múltipla escolha, ferramentas de investigação da participação e de acessos aos instrumentos que são caracterizados como modelo de avaliação.

Desde os tempos primitivos, em algumas tribos, os jovens só passavam a serem considerados adultos após terem sido aprovados em uma prova referente aos seus usos e costumes (SOEIRO; AVELINE, 1982), pois os povos antigos precisavam de uma ferramenta para aferir se os indivíduos estavam prontos para exercer cargos de maior confiança.

Há milênios, chineses e gregos já criavam critérios para selecionar indivíduos para assumir determinados trabalhos (DIAS, 2002). Na China, em 360 a.C., devido a este sistema de exames, todos os cidadãos tinham a possibilidade de alcançar cargos de prestígio e poder. Na Grécia, Sócrates sugeria a autoavaliação – conhece-te a ti mesmo – como requisito para chegar à verdade (SOEIRO; AVELINE, 1982). Esses autores mostram a importância da avaliação desde o passado e a necessidade de no decorrer do tempo serem aprimorados os instrumentos avaliativos.

Outra forma de avaliação era realizada através de exercícios orais utilizados pelas universidades medievais e mais tarde pelos jesuítas. Na Idade Média, as universidades tinham

como objetivo principal a formação de professores. Os alunos que completavam o bacharelado precisavam ser aprovados em um exame para poder ensinar e os mestres só recebiam o título de doutor se lessem publicamente o *Livro das Sentenças* de Pedro Lombardo ou posteriormente se defendessem tese (SOEIRO; AVELINE, 1982).

A avaliação assumiu forma mais estruturada após o século XVIII, com as primeiras escolas modernas. Nesse período, os livros passaram a ser acessíveis a todos e criaram-se as bibliotecas. Nessa época, devido à utilização de exames como forma de avaliação, esta ficou associada à ideia de exames, notação e controle, constituindo dessa forma a área de estudos chamada docimologia¹.

Outra área que se destacou no final do século XIX até parte do século XX foi a psicometria², caracterizada por testes padronizados e objetivos que mediam a inteligência e o desempenho das pessoas. Posteriormente esses testes foram sendo substituídos por formas mais amplas de avaliar, nas quais o aluno começava a ser visto como um todo, um ser humano com todas as suas implicações (ABRAMOWICZ, 1996). O aluno deixa de ser avaliado de forma parcial, e passou a ser visto como um todo de modo que o professor passou a ter mais precisão no seu diagnóstico.

Portanto a avaliação da aprendizagem está em constante mudança, juntamente com os métodos que são utilizados para poder avaliar os alunos. Assume papel fundamental nas escolas e no processo de formação dos alunos.

O termo “avaliação educacional” foi proposto primeiramente por Tyler em 1934, na mesma época em que surgiu a educação por objetivos, que tem como princípio formular objetivos e verificar se estes foram cumpridos. Com o objetivo de conhecer se o motivo do fraco desempenho escolar dos negros americanos provinha das deficiências dos serviços educativos que eles recebiam, em 1965 a avaliação passou a fazer parte de metodologias e matérias que utilizam abordagens qualitativas, como a antropologia, a filosofia e a etnografia. Neste mesmo ano, nos Estados Unidos, foi promulgada a Lei sobre a Educação Primária e Secundária pelo presidente Lyndon Johnson e, por proposta do senador Robert Kennedy, passou a ser obrigatória a avaliação dos programas especiais destinados a alunos de famílias pobres e marginalizadas (LANNES; VELLOSO, 2007).

¹ Termo que tem origem do grego *dokimé* (teste). Criada por Henri Piéron em 1920, trata-se do estudo sistemático dos exames, em particular do sistema de atribuição de notas e dos comportamentos dos examinadores e examinados. (Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Docimologia>).

² Provém do grego *psyké* (alma) e *metron* (medida, medição); é uma área da Psicologia que faz vínculo entre as ciências exatas, principalmente a matemática aplicada, a Estatística e a Psicologia. Sua definição consiste no conjunto de técnicas utilizadas para mensurar, de forma adequada e comprovada experimentalmente, um conjunto ou uma gama de comportamentos que se deseja conhecer melhor. (Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Psicometria_\(psicologia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Psicometria_(psicologia))).

Pouco tempo depois, a avaliação passou a ser obrigatória a todos os programas sociais e educativos dos Estados Unidos da América (EUA). Foi dessa maneira que a avaliação passou a fazer parte de outras áreas, como filosofia, sociologia, economia e administração. Deixando, assim, não apenas de ser monodisciplinar, mas assumindo uma forma mais ampla quanto aos seus métodos, tipos e objetivos.

Ao decorrer da chamada profissionalização da avaliação, que ocorreu de 1965 até o início da década de 80, vários autores deram nomes aos diferentes enfoques da avaliação, porém todos eles valorizavam os métodos qualitativos e tinham uma visão democrática da avaliação, levando em conta a participação e a negociação. Um novo rumo no campo da avaliação surgiu em 1980, nos EUA e na Inglaterra. Com o neoliberalismo e com a crise econômica, o Estado tornou-se controlador e fiscalizador. Como consequência dessas mudanças, a avaliação passou a ser um mecanismo fundamental dos governos nos seus esforços obsessivos de implantação de uma estrita cultura gerencialista e fiscalizadora (BERNSTEIN, 1991 apud DIAS SOBRINHO, 2002).

Nessa mesma época, especialmente na Inglaterra, começou-se a atribuir aos professores, por serem educadores, a responsabilidade pelas dificuldades políticas e administrativas e pelos insucessos econômicos do país (DIAS SOBRINHO, 2002). Nesse sentido, quanto a sua capacidade de responder as exigências do mercado, comércio e indústria, as universidades começaram a ser cobradas como se fossem empresas ou organizações competitivas.

Todos estes fatos históricos no campo da avaliação deram origem a sua conformação atual. Ainda hoje existe certo conflito entre a utilização de métodos quantitativos e qualitativos, o que coloca em discussão a real finalidade da avaliação, configurando-se dessa maneira como uma questão filosófica.

Segundo Perrenoud (1999, p. 73):

a avaliação da aprendizagem, no novo paradigma, é um processo mediador na construção do currículo e se encontra intimamente relacionada à gestão da aprendizagem dos alunos. Na avaliação da aprendizagem, o professor não deve permitir que os resultados das provas periódicas, geralmente de caráter classificatório, sejam supervalorizados em detrimento de suas observações diárias, de caráter diagnóstico.

A avaliação para esse autor retrata a aprendizagem do aluno de forma diagnóstica, atrelada ao desenvolvimento do cotidiano, e não classificatória, quando o professor avalia o

estudante a partir de resultados apontados como pontos aplicados em prova/teste, decorrentes de um sistema imposto pela escola.

2.2 Conceito e funções da avaliação

A avaliação é um processo que se dá em vários setores da sociedade. De acordo com Duarte; Gomes e Ribeiro (2012, p. 3):

a avaliação de uma empresa deve considerar todos os custos e benefícios associados ao negócio, não se restringindo somente ao preço pago ou recebido no momento da negociação, mas sim é necessário considerar todo o ambiente de possível movimentação e lucratividade da empresa para os próximos períodos.

Já na educação, nós temos avaliação educacional, que, segundo Luckesi (2001, p. 33), “[...] pode ser caracterizada como uma forma deajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição a respeito do mesmo, para aceitá-lo ou para transformá-lo”. Há divergências, sim, sobre o processo de avaliação, pois cada uma tem seus meios e instrumentos. Mas a essência para avaliar não depende do meio no qual se está inserido, já que, para serem aferidos os resultados, independentemente do meio, é essencial que haja avaliação.

A avaliação constitui-se como um momento reflexivo sobre teoria e prática no processo ensino-aprendizagem. Ao avaliar, o professor estará constatando as condições de aprendizagem dos alunos para, a partir daí, prover meios para sua recuperação, e não para sua exclusão, se considerar a avaliação um processo e não um fim. Como acontece na autoavaliação que pode ser realizada tanto pelo aluno quanto pelo professor, para ter consciência do que se aprendeu ou se ensinou e assim melhorar a aprendizagem.

Segundo Haydt (2008), quando se fala em avaliação do processo ensino-aprendizagem, estamos nos referindo à verificação do nível de aprendizagem dos alunos, isto é, o que os alunos aprenderam. Para essa autora, a avaliação está ligada à análise do nível do ensino. Para ela, avaliação apresenta três funções: “diagnosticar, controlar e classificar”. Relacionadas a essas três funções existem três modalidades da avaliação, que são diagnóstica, formativa e somativa (HAYDT, 2008, p. 16).

Para completar, a autora define cada uma das modalidades, explicando-as: “avaliação diagnóstica é aquela realizada no início de um curso, [...] com a intenção de constatar se os alunos apresentam ou não o domínio dos pré-requisitos necessários” (HAYDT, 2008, p. 16).

O professor faz uma investigação na sala para primeiro conhecer a turma e então constatar como se encontra a sala no primeiro momento de aula.

Dando continuidade ao processo, ela explica que a “avaliação formativa, com a função de controle, é realizada durante todo o decorrer do período letivo, com intuito de verificar se os alunos estão atingindo os objetivos previstos, quais os resultados alcançados durante o desenvolvimento das atividades” (HAYDT, 2008, p. 17). Dessa forma, o professor tem o controle do que está se passando na sala de aula durante o processo de ensino-aprendizagem; sendo assim, o aluno conhece onde se encontram seus erros e acertos. Essa etapa serve de orientação para o professor e alunos terem motivação para alcançar os objetivos desejados.

Para finalizar, Haydt afirma que “a avaliação somativa, com função classificatória, realiza-se ao final de um curso, período letivo ou unidade de ensino, e consiste em classificar os alunos de acordo com os níveis de aproveitamento previamente estabelecidos” (HAYDT, 2008, p. 18). Ao final do curso, o professor poderá avaliar corretamente o que o aluno aprendeu, se o estudante conseguiu efetivamente atingir a meta estipulada pela escola e pelo professor para com o aluno.

Para Oliveira (2011), os três tipos de avaliação também consistem em avaliação inicial ou diagnóstica, avaliação formativa e avaliação somativa, porém ela dá definições diferentes das de Haydt. Assim a primeira é definida como: “análise preliminar para identificar ou avaliar os conhecimentos específicos dos alunos, antes de iniciar as atividades” (s/p). A segunda “estabelece com sincronismo, a conferência em tempo real da apropriação do conteúdo pelos alunos. Sendo assim, mostra concretamente sobre o desenvolvimento do processo e ainda permite a intervenção do professor para que sejam feitos os ajustes necessários” (s/p). A terceira ocorre ao final do processo de ensino e com ela se estabelece um balanço do que foi aprendido por todos os alunos, para conclusão e aperfeiçoamento das expectativas do professor juntamente com os alunos.

Berger (2002, p. 18), afirma que um dos instrumentos avaliativos utilizados nas escolas é o exame, que “consiste não somente um mecanismo de seleção e eliminação do indivíduo, usado pela escola na sociedade capitalista, como também uma forma de frear o desenvolvimento do indivíduo, ao não valorizar sua capacidade de ação e criação”. Esse autor defende que a avaliação não é uma atividade isolada, por isso há utilização de instrumentos para sua mediação.

É comum encontrar professores preocupados com a avaliação dos alunos, com o que irão possibilitar a eles. “A avaliação realizada com os alunos possibilita ao sistema de ensino verificar como estão atingindo os seus objetivos, portanto, nesta avaliação ele tem a

possibilidade de autocompreensão” (LUCKESI, 2001, p. 83). Assim podemos perceber que em uma possível avaliação é preciso autoavaliação e compreensão para poder alcançar os objetivos propostos. Berger (2002, p. 28-29) complementa quando afirma que “o resultado do desempenho do aluno é registrado com detalhes e minúcias, favorecendo-lhe a classificação e selando-lhe o destino, pois, mesmo tendo condições de progredir e demonstrar um desempenho melhor, as marcas anteriores perduram e ainda o caracterizam”.

Ao tratar a avaliação como um instrumento, (BERGER, 2002, p. 32) acredita que “usar-se-á da avaliação como progresso de acompanhamento que estimule a participação e o progresso do educando”. A avaliação é importante para compreender o resultado do processo ensino-aprendizagem. Para Luckesi (2001, p. 116), “a avaliação poderia ser comprometida como uma crítica do percurso de uma ação, seja ela curta ou prolongada”. Percebe-se que a avaliação é tida como um meio que deve estar em todo o percurso, independentemente de sua duração.

Na perspectiva formativa a função da avaliação é ajudar o aluno no seu aprendizado. Em sua crítica a avaliação somativa Berger (2002, p. 45), os “resultados são vistos como verdades terminadas, absolutas em seu significado. Nunca se considera o fazer da criança no cotidiano da escola, seu desempenho real”, mostrando, assim, que há uma contradição na construção dos saberes das crianças relacionadas com os resultados dos exames como avaliação de seu processo. Constata-se como uma “prática classificatória da avaliação que consiste em atribuir nota ou conceito ao aluno, não vendo a possibilidade de seu avanço, portanto é antidemocrática, em contraposição à função diagnóstica” (BERGER, 2002, p. 40). Essa postura requer um olhar especial, quando voltada à classificação do aluno durante sua aprendizagem. Precisamos perceber que na maioria das escolas há esse sistema de classificação para que assim o aluno possa avançar para uma nova etapa de sua vida.

Assim o planejamento dos instrumentos utilizados para avaliar os alunos, durante o processo de ensino-aprendizagem, precisa ser de coerência com os assuntos e nível de aprendizagem, para a valorização do aluno na sua passagem pela escola.

A avaliação formativa reveste-se de importância no processo de aprendizagem porque permite ao professor aferir a aprendizagem utilizando além de provas e testes, outras formas de avaliar, a exemplo, das observações, autoavaliação, projetos, entre outras alternativas. Nesta concepção a avaliação constitui processo mais complexo do que apenas atribuir notas a partir de um único instrumento, a prova. Santos (2005) acrescenta que as funções da avaliação podem ser:

- * **Formativa:** tem como objetivo verificar se tudo aquilo que foi proposto pelo professor em relação aos conteúdos está sendo atingido durante todo o processo de ensino aprendizagem;
- * **Cumulativa:** este tipo de avaliação permite reter tudo aquilo que se vai aprendendo no decorrer das aulas; o professor pode acompanhar o aluno dia a dia e usar a avaliação quando necessária;
- * **Diagnóstica:** auxilia o professor a detectar ou fazer uma sondagem daquilo que se aprendeu ou não, permitindo, assim, retomar os conteúdos que o aluno não conseguiu aprender, replanejando suas ações e suprindo as necessidades para atingir os objetivos propostos;
- * **Somativa:** tem o propósito de atribuir notas e conceitos para o aluno ser promovido ou não de uma classe para outra, ou de um curso para outro; é normalmente realizada durante o bimestre.

Como foi possível perceber neste tópico, discutimos as funções da avaliação segundo três autores, que mostraram ser possível avaliar de algumas formas simples, mas com resultados que ajudem os professores. No entanto, o ato de avaliar deve ser realizado de forma cautelosa, para assim alcançar os resultados desejados.

3. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA: campo empírico, procedimentos metodológicos e sujeitos investigados

Nesta seção, apresentaremos o caminho percorrido para o desenvolvimento desta pesquisa, atentando-se para a caracterização do campo empírico, os procedimentos metodológicos, os sujeitos investigados e o município.

O foco deste estudo foi a analisar concepção e os instrumentos de avaliação utilizados por duas professoras da Escola Municipal Adelina Maria de Santana Souza (EMAMSS) e de mais quatro professoras da Escola Municipal Frei Cristóvão de Santo Hilário (EMFCSH). Foram realizadas entrevistas com as professoras dessas escolas, que lecionam no 3º e 4º ano do ensino fundamental menor. Essas duas escolas foram escolhidas por ofertarem o ensino fundamental menor em turnos distintos e por serem unidades localizadas em diferentes bairros, uma mais ao centro e outra na periferia da cidade.

3.1 Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa apresenta abordagem qualitativa, com viés no estudo de caso, com emprego da técnica de entrevista, dado que procuramos contribuir na concepção dos instrumentos avaliativos, a partir da análise das entrevistas feitas em duas escolas municipais. A pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas relações sociais (GODOY, 1995). Usando a metodologia qualitativa, pode-se descrever e analisar o objeto pesquisado dentro do contexto no qual se insere.

As fontes de informação não são somente as pessoas que responderam as entrevistas, os sujeitos da pesquisa, como também aqueles espaços que fazem parte da escola, os documentos e textos em geral, como por exemplo, o PPP entre outros. “Os instrumentos usados na coleta de dados são tão fundamentais quanto o próprio resultado do trabalho. Ao ter conhecimento sobre as técnicas de coleta existentes na literatura e sua análise, o trabalho acadêmico toma uma forma mais eficiente e confiável” (VIGORENA, 2011 p. 96). Como já mencionado, este estudo foi desenvolvido nas escolas EMAMSS e EMFCSH pertencentes ao município de Lagarto, definidas previamente como lócus da nossa pesquisa.

Ressalta-se que a princípio a ideia era também empregar a técnica de observação, entretanto devido o período oficial das avaliações não foi possível.

O instrumento ou técnica de pesquisa que usamos para a coleta de dados e informações foi a entrevista. Por isso, faremos um breve relato sobre esse instrumento, uma vez que com sua utilização obtivemos as informações nas falas dos professores das escolas registradas de forma gravada e depois transcritas.

A entrevista pode ser feita de forma estruturada, que é quando o entrevistado segue um roteiro já pronto previamente estabelecido, não sendo permitido adaptar as perguntas ou elaborar outras perguntas no ambiente da entrevista. A não estruturada permite que o entrevistador explore mais o ambiente com toda a liberdade para desenvolver cada condição. Existe também a semiestruturada, que permite que o entrevistador possa complementar as perguntas, mas não podendo fugir do tema abordado.

Como afirmam Marconi e Lakatos (1999, p. 94), a entrevista é o “encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto”, havendo, assim, uma interação entre o entrevistado e o entrevistador para uma melhor compreensão do assunto. A entrevista pode ser utilizada com todos os segmentos da população, inclusive alfabetizados ou não. Permite maior flexibilidade, uma vez que o entrevistador pode repetir a pergunta, formular de maneira diferente e garantir que foi compreendido. Possibilita ainda: obter dados que não se encontram em fontes documentais, informações mais precisas; e que os dados sejam quantificados e submetidos a outros tipos de tratamento.

Nesta pesquisa, utilizamos a entrevista semiestruturada (Apêndice A) com questões abertas e fechadas, versando a respeito de questões relacionadas à concepção dos professores sobre a avaliação, qual sua importância, os instrumentos utilizados para avaliar no cotidiano, como são escolhidos esses instrumentos, qual a melhor forma de avaliar, se há dificuldades para avaliar, e a prática adotada pelo professor para reverter essa situação quando a avaliação não atinge o esperado. Também buscou-se aferir se os professores conhecem o PPP da escola na qual trabalham, quais as suas concepções de avaliação e por fim como entendem que deveria ser a avaliação no ensino fundamental menor. Assim, pudemos conhecer melhor a concepção que cada professor traz sobre o processo de avaliação.

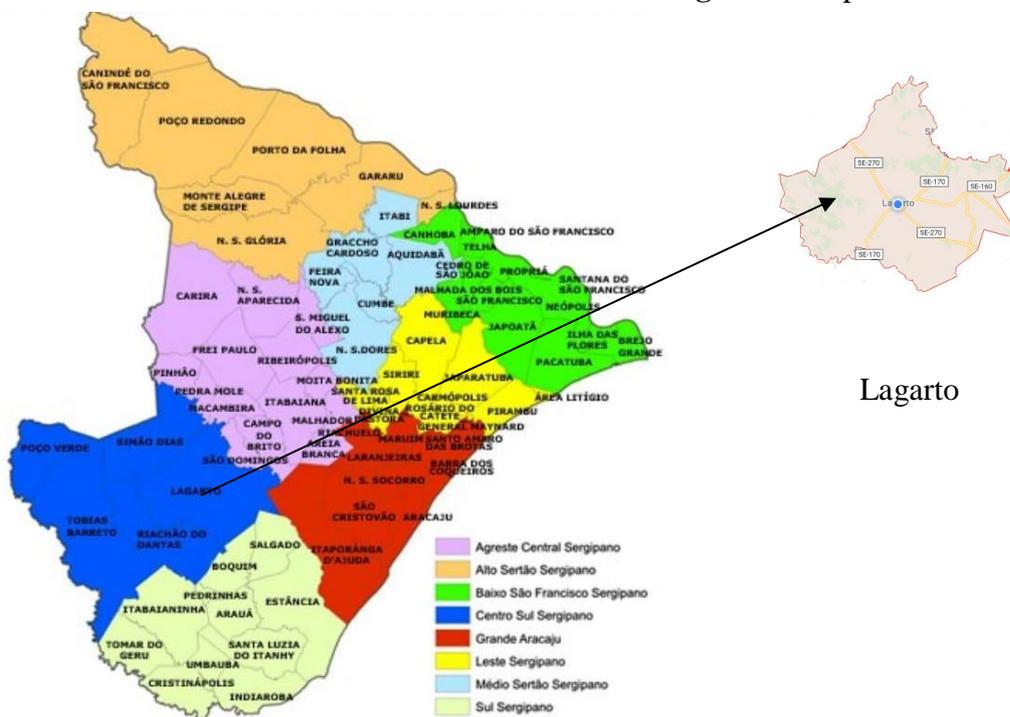
3.1.1 O município

Para maior entendimento do lócus da pesquisa e onde acontecem as nuances da investigação faremos breve contextualização do município de Lagarto.

O município foco dessa investigação localiza-se na região centro-sul do estado de Sergipe, a 75 km da capital, Aracaju. Tem uma área de 970 km², sendo a maior cidade do estado após a capital. Possui mais de 100 mil habitantes, divididos entre as zonas urbana e rural. Sua economia é composta pela agricultura, baseada, principalmente, nas culturas de feijão, laranja, fumo e mandioca; pecuária de corte; criação de ovinos; comércio e indústria. Passou à categoria de cidade em 20 de abril de 1880, data oficial de sua emancipação. Suas terras também deram origem a outros municípios, a exemplo de Riachão do Dantas e Simão Dias³.

A seguir, podemos ver o mapa de Sergipe, com destaque para o município de Lagarto.

Figura 1: Mapa Político de Sergipe



Fonte: <http://grupominhaterraesergipe.blogspot.com/2012/05/mapa-politico-de-sergipe.html>. Acesso em: 8 ago. 2018.

No tocante à rede de ensino, Lagarto oferece todos os níveis de ensino, distribuído pelo município. São elas: 78 escolas municipais, 12 estaduais, 13 privadas, 1 Instituto Federal de Sergipe (IFS), e as instituições de ensino superior que são: Faculdade Dom Pedro II (antiga

³ Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/lagarto/panorama>.

José Augusto Vieira), Universidade Tiradentes (UNIT EaD), Faculdade AGES, e o *Campus Avançado de Saúde* da Universidade Federal de Sergipe (UFS), onde são formados técnicos, profissionais da Educação, saúde, entre outros. Dentre as escolas municipais, há as instituições integrantes da pesquisa: Escola Municipal Adelina Maria de Santana Souza e Escola Municipal Frei Cristóvão de Santo Hilário.

3.2 Caracterização do campo empírico

Como nossa pesquisa se deu em duas escolas do município de Lagarto (SE), necessário se faz caracterizar as escolas em seus aspectos físicos e pedagógicos.

A Escola Municipal Adelina Maria de Santana Souza está localizada na Praça Sebastião Garcez, nº 78, no centro da cidade de Lagarto. Funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno, com uma matrícula de 757 alunos, distribuídos em 13 salas de aula, abrangendo creche, pré-escola, turmas do 1º ao 9º ano do ensino fundamental regular e na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) também na modalidade do ensino fundamental.

Boa parte da população estudantil é constituída por pessoas que trabalham no comércio e por comerciantes. As condições físicas no entorno da escola são boas. Aos fundos, há um prédio que serve como anexo, utilizado como creche da escola. A unidade escolar dispõe de cantina, pátio, três banheiros, uma secretaria com impressora e *scanner*, uma diretoria, uma sala de informática com equipamentos tecnológicos como TV, aparelho de som, retroprojetor e *data show*. A escola disponibiliza acesso à *internet* através de conexão *wi-fi*. Ela também contém grades que impedem qualquer tipo de acesso à escola, a não ser pelo portão principal, com porteiros nos três turnos.

Essa escola tem uma diretora, três coordenadores pedagógicos, um secretário escolar, 48 professores em salas de aula, que fazem curso de formação continuada oferecido pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED). Os professores são liberados para frequentar esses cursos e a escola disponibiliza auxiliares, principalmente para a sala do 4º ano, que tem um aluno com autismo. As auxiliares também ficam na sala para desenvolver atividades orientadas pelos professores, ou então os professores repõem as aulas, quando não fazem no contraturno os cursos de formação continuada. Mensalmente a escola realiza reuniões pedagógicas com o gestor, coordenadores, professores, pais e colegiado; já as reuniões de conselho de classe acontecem a cada semestre.

É importante destacar que o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola foi atualizado em 2018. A sua elaboração contou com a participação dos pais, coordenadores, professores e diretor. Os principais itens desse projeto são objetivos, missão, justificativa, caracterização, quadro de funcionários, descrição da escola e história da unidade.

Outra informação relevante é que a escola realiza seu planejamento de ensino de unidade e de aulas. Os planos de ensino são feitos em um período anual sempre no início das aulas na semana de planejamento. Também são elaborados os planos de unidade a cada bimestre. O de aulas é feito a cada semana, principalmente para os anos iniciais. Esses planejamentos são elaborados pelos professores orientados pelo coordenador pedagógico, considerando que, para que o plano seja bem elaborado, “as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da educação infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira e garantir experiências” (BRASIL, 2010 p.25). Os planos de ensino das disciplinas são sempre adequados às necessidades e dificuldades dos alunos, e a escola promove atividades sociais culturais e recreativas, geralmente em datas comemorativas, fazendo apresentações, gincanas, feiras, coral, oficinas e olimpíadas.

De acordo com o PPP da escola, o aluno deve ser avaliado de forma processual e através de prova e trabalhos. Os professores utilizam instrumentos avaliativos como trabalhos individuais e em grupo, aferição de participação, seminário, pesquisa, estudo de campo, avaliação, pré-teste e análise de comportamento. A escola disponibiliza aulas de reforço, caso o aluno sinta dificuldades na sala com o professor. As recuperações são realizadas bimestralmente por meio de trabalhos e avaliação.

Por sua vez, a Escola Municipal Frei Cristóvão de Santo Hilário está localizada na Avenida Candido Barreto, s/n, no bairro Laudelino Freire. Funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno, atendendo a 1.261 alunos no total. No vespertino, turno no qual fizemos a pesquisa, há 491 alunos.

A escola fica situada na periferia da cidade. Boa parte da população é constituída por pessoas que trabalham no comércio. As condições físicas no entorno da escola não são tão precárias. Ela fica localizada ao lado da Praça dos Três Poderes e aos fundos da Unidade de Educação Infantil Professora Maria Valderez Freire Prata “Criança Feliz”. Tem 16 salas, cantinas do colégio e alugada, pátio, banheiros, biblioteca, laboratório de informática, sala de professores, almoxarifado, arquivo morto, ginásio, sala de coordenação, secretaria com *notebook* e impressora, diretoria, com equipamentos tecnológicos como vídeo, TV, som, retroprojetor, DVD e *data show*. A escola disponibiliza acesso à *internet* através de conexão

wi-fi. Ela também contém muros e portões que impedem qualquer tipo de acesso, a não ser pelo portão principal.

Essa escola tem uma diretora, quatro coordenadores pedagógicos, um técnico pedagógico, 69 professores em regência de classe que fazem curso de formação continuada oferecida pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED) e 16 professores readaptados, que são aqueles que têm algum problema de saúde e não podem estar na sala de aula no momento. Os professores são liberados para fazer os cursos de formação continuada com a condição de reporem as aulas ou então fazer o curso no turno diferente do que lecionam. Mensalmente a escola realiza reuniões pedagógicas com o gestor, coordenadores e professores, com os pais, conselho de classe. As reuniões do colegiado acontecem a cada bimestre.

É necessário destacar que o Projeto Político-Pedagógico da escola foi elaborado em 2016, com a participação dos pais, coordenadores, professores, diretor e alunos. Os principais itens do projeto são a identificação da escola, o histórico da instituição, fins e princípios, diagnóstico da realidade, concepções pedagógicas, objetivos, metas a serem alcançadas, organização curricular, e o modelo da gestão administrativa e pedagógica da escola.

Outra relevante informação é que a escola realiza seu planejamento de ensino de unidade e de aulas. Os planos de ensino são feitos em um período anual, sempre no início das aulas na semana de planejamento. O planejamento das aulas é feito a cada semana pelos professores com orientação da equipe diretiva. A escola promove atividades socioculturais e recreativas, elabora um projeto que é trabalhado durante todo ano letivo, apresentado no desfile cívico de 7 de setembro. Também promove gincanas, feiras, oficinas e olimpíadas.

O PPP da escola declara que a avaliação dos alunos deve ser feita de forma processual e através de provas, trabalhos, exercícios, análises da pontualidade na entrega das atividades propostas, organização, frequência e participação, além de trabalhos em grupo e individuais. A escola disponibiliza aulas de reforço, e as atividades de recuperação são feitas através de uma prova paralela bimestral e de recuperação final.

3.3 Sujeitos investigados

Temos como sujeitos da pesquisa professores do 3º e 4º ano do ensino fundamental menor de duas escolas da rede municipal de Lagarto. Vamos diferenciá-los como P1A, para a professora do 3º ano da EMAMSS, P2A, para a professora do 4º ano da mesma escola. P1F e P2F, para as professoras do 3º ano da escola CMFCSH, P3F, P4F, para as professoras do 4º ano da mesma.

O P1A, do 3º ano da EMAMSS, tem 40 anos de idade e é do sexo feminino; com dois anos de formação em Pedagogia pela Universidade Tiradentes (UNIT), trabalha nessa escola há somente três meses; não mantém vínculo com outra instituição; o único curso de formação continuada que fez foi o de informática básica.

O P2A tem 50 anos de idade, é do sexo feminino, possui 31 anos de docência, sua formação é em Pedagogia na Universidade Vale do Acaraú (UVA), e tem especialização em Direito Educacional pela São Luiz de França em Aracaju, e o PROEJA no Instituto Federal de Sergipe (IFS) campus de Aracaju. Trabalha na escola há 12 anos, sempre com o 4º ano do ensino fundamental menor. Fez curso de formação de Inclusão, Gestão e Avaliação da Aprendizagem, que ajudou a mudar sua concepção de avaliação. No decorrer do curso, percebeu que poderia melhorar sua forma de avaliar seus alunos, utilizando métodos e instrumentos variados diferentes da prova, mas como são normas da escola não pode deixar de fazê-la. “Esse curso me proporcionou um aprendizado diferenciado, pude perceber que posso avaliar meus alunos sem precisar tá marcando dia nem horário, a todo momento estou avaliando”.

O P1F, da Escola Frei Cristóvão, tem 46 anos de idade, é do sexo feminino, com formação em Pedagogia pela UVA, trabalha há 30 anos na escola e não possui vínculo com outra unidade de ensino. Trabalha de maneira diferenciada na escola com materiais que ela mesma produz, pois busca melhorar o processo de alfabetização em sala, uma vez que sua turma do 3º ano A possui 32 alunos com a idade de 9 a 10 anos. Fez curso de formação em artes pelo SEMED.

O P2F, da Escola Frei Cristóvão, trabalha na turma do 3º ano B, tem 48 anos de idade e é do sexo feminino. Na sua sala, há 30 alunos com idades de 8, 9 e 10 anos. Há 29 anos ensina na escola, tem formação somente de ensino médio, cursado na mesma escola em que hoje leciona. Já fez alguns cursos, mas não lembra os nomes deles, pela SEMED, nenhum sobre avaliação da aprendizagem.

A P3F, da Escola Frei Cristóvão, trabalha há 33 anos, mas na atual escola leciona 31 anos; tem 54 anos de idade e é do sexo feminino; é formada em Pedagogia pela UVA em Lagarto; não possui curso de pós-graduação, nem tem vínculo com outra escola; leciona na turma de 4º ano A com 35 alunos de 9 e 10 anos de idade, e não fez curso de formação continuada.

Por fim e não menos importante, o P4F da Escola Frei Cristóvão é do sexo feminino, tem 43 anos de idade, 18 anos de docência, formação em Letras pela UFS em São Domingos na modalidade a distância. Está concluindo pós-graduação em alfabetização e letramento a

distância na Faculdade Integrada de Araguatins (FAIARA); há 2 anos trabalha na atual escola, que é seu único vínculo; trabalha no 4º ano B com 33 alunos em sala. Já fez curso de formação continuada em direitos humanos, educação de jovens e adultos e em avaliação da aprendizagem; este último, em especial, a ajudou no modo como avalia seus alunos, pois antes via a avaliação como forma individualizada e após o curso passou a perceber que não pode avaliar seu aluno somente através de prova.

4. DISCUTINDO AS CONCEPÇÕES SOBRE AVALIAÇÃO COM OS SUJEITOS

Nesta seção, apresentaremos as entrevistas realizadas, confrontando com autores que discutem as questões abordadas, ou seja, a partir das entrevistas, iremos dialogar as respostas com autores que discutem avaliação e os instrumentos avaliativos.

4.1 Instrumentos avaliativos

Os instrumentos são recursos utilizados por professores para auxiliar no processo de avaliação dos alunos para a sua promoção durante a vida de estudante. Ao utilizarem os instrumentos avaliativos, os professores têm controle sobre o aprendizado dos alunos. Para fazer as escolhas desses instrumentos, os professores precisam primeiramente fazer um diagnóstico da sala para poder ficar sabendo o perfil de cada estudante. Um dos instrumentos que podem auxiliar nesse momento é a observação da sala.

Como afirma Haydt (1992, p. 56), “as técnicas e instrumentos de avaliação são classificadas de diversas formas. Em geral, as classificações são elaboradas de acordo com a forma de coleta dos dados”. Sabemos que são muitos os instrumentos a serem escolhidos pelos professores para melhor avaliar seus alunos, por isso é preciso que os educadores saibam a melhor forma de escolher tais instrumentos. “Podemos notar também que grande é a variedade de instrumentos que o professor tem a seu dispor para determinar o nível de desempenho apresentado pelos alunos, em função dos objetivos propostos” (HAYDT 1992, p. 58). Não adianta o professor somente escolher os instrumentos, ele precisa ter um objetivo a ser cumprido para que o instrumento realmente realize uma avaliação adequada.

Em relação à seleção dos instrumentos, a autora declara:

A seleção das técnicas e instrumentos de avaliação depende da natureza da área de estudo ou do componente curricular, dos objetivos visados (informações, habilidades, atitudes, aplicação de conhecimentos etc.), das condições de tempo do professor e do número de alunos. As técnicas e instrumentos selecionados para avaliar devem, também, estar adequados aos métodos e procedimentos usados no ensino. (HAYDT, 1992, p. 58-59).

Comparando as afirmações das professoras com essa autora, as entrevistadas apresentam entendimento de que é preciso o uso de vários instrumentos no momento de avaliar o processo de aprendizagem dos alunos, porém constatou-se que as professoras

pesquisadas não utilizam muitos deles. Os que elas mais usam são os mais populares: provas, testes e trabalhos. No entanto, elas entendem que é preciso avaliar seus alunos de forma que não os prejudique no processo da aprendizagem.

Todos os instrumentos são importantes, desde que sejam utilizados de maneira correta para melhor aproveitamento. A observação deve ser um instrumento prioritário para o primeiro diagnóstico da sala e sua continuação deve permanecer para auxiliar o professor na objetividade de seus conceitos.

4.2 Analisando e discutindo a concepção de avaliação a partir das entrevistas

A coleta dos dados nas escolas ocorreu nos dias 9, 12, 13 e 19 de julho de 2018. No primeiro dia, deu-se um diálogo com a coordenação da EMAMSS, que contribuiu para a caracterização da instituição. No dia 12 de julho, na mesma unidade de ensino, foram realizadas as entrevistas com as duas professoras – as conversas foram feitas individualmente para que uma entrevistada não influenciasse na resposta da outra e foram gravadas para melhor fluência das perguntas e respostas.

Nos dias 13 e 19, a coleta dos dados foi realizada na segunda escola. No dia 13, coletaram-se informações sobre a instituição e no dia 19 foram realizadas as entrevistas com as quatro professoras colaboradoras. Também nessa escola as entrevistas foram gravadas e realizadas individualmente.

Todas as entrevistas foram realizadas dentro do ambiente escolar. Vale ressaltar que a entrevista realizada com a P1F deu-se dentro de sua sala, onde pude ver que suas aulas eram diferenciadas em seu método de ensino, pois ela mostrou seu trabalho e disse que, além do que estava na sala, tinha mais alguns guardados na sala dos professores. Gostei muito do seu jeito e de saber que ela mesma confecciona muitos dos seus materiais para tornar suas aulas mais atraentes e com melhores resultados na aprendizagem dos seus alunos.

Para melhor compreensão, analisaremos as respostas das professoras colaboradoras por escola. A entrevista foi composta por 12 questões com o objetivo de conhecer a concepção de avaliação dos professores, tendo sido proporcionado liberdade de resposta.

4.2.1 Concepção dos sujeitos investigados da Escola Municipal Frei Cristóvão de Santo Hilário

Neste tópico, apresentaremos a visão das professoras sobre o tema estudado. Na questão que trata sobre a concepção de avaliação, obtivemos: segundo o depoimento da P1, “avaliação é todos os conteúdos dados durante o dia a dia, pois no final o professor vai avaliar os alunos para saber qual nível de conhecimento que ele adquiriu. Avalio meus alunos constantemente e não só com as provas”. A P3 considera a avaliação importante e ao mesmo tempo não, porque acha que as facilidades que os alunos têm atualmente fazem com que não se interessem pelos tipos de avaliação propostas, pois para eles tanto faz. Já a P4 diz que a avaliação é fundamental e necessária para a aprendizagem dos alunos.

De acordo com os depoimentos, percebe-se que alguns professores relacionam o instrumento de avaliação com a “prova”, pois, segundo eles, é um instrumento importante, porém não o principal. Neste aspecto, Berger (2002, p. 42), afirma que “[...] as provas/exames visam a verificar o nível de desempenho do educando em determinados assuntos, atribuir pontos ou conceitos, separando os que são aptos dos que não são em termos do modelo de aluno que foi idealizado”. Na perspectiva desse autor, a provas e exames servem para classificar os alunos, para saber quais deles estão preparados para uma nova etapa, apontar quais são destaques e os que não estão em condições de avançar, fazendo, assim, uma separação entre eles.

De acordo com Libâneo (1994, p. 195):

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino-aprendizagem. Através dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades e reorientar o trabalho para as correções necessárias. A avaliação é uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor quanto do aluno.

Dessa forma, compreende-se que a avaliação é tratada como necessária e uma tarefa diária, não só para os alunos como também para os professores, e pode ser caracterizada para o processo, distribuindo as responsabilidades para que todos possam detectar as possíveis falhas ou equívocos que venham a surgir no processo de ensino/aprendizagem.

A questão seguinte tratava sobre a importância da avaliação, as respostas foram das mais equivalentes, pois as professoras acham importante. É a partir daí que vão ver o quanto

seus alunos aprenderam. Como diz a P2: “Quero avaliar pra eu sentir o aprendizado deles, se eles estão aprendendo”. Já a P3 diz que a avaliação é e não é importante, “porque tem meninos que se sai bem no dia a dia, mas, quando chega a avaliação, cai”, porém, para ela, a importância não está somente em atribuir nota. De acordo com Almeida (2011, p. 13), “a avaliação só fará sentido se auxiliar o desenvolvimento tanto do aluno como da escola e, principalmente, do processo que acontece entre eles, ambos, escola e alunos, querendo crescer”. Buscando mais informações sobre esse assunto, Neves (2008, p. 137) afirma: “[...] a avaliação está presente em todas as fases do processo de ensino e não restrita aos momentos finais de aplicação de um determinado conteúdo ou de um bimestre, semestre ou ano letivo”. A avaliação está ligada ao cotidiano do aluno, do professor, como já vinha afirmando, e assim como são passados os conteúdos são ofertados outros instrumentos de avaliação.

Ao serem questionadas a respeito dos instrumentos que são utilizados por elas, a maioria disse utilizar “prova”, “teste”, “atividades para casa”, “comportamento”, mas deixam bem claro que a prova é imposição do sistema.

Sobre essa questão, Vasconcelos (2016, p. 118-119) afirma que:

Avaliar a aprendizagem do educando não pode se resumir a testes; é um processo contínuo. Por conta disso, é difícil conceituar a avaliação da aprendizagem, quando as escolas nem sabem distinguir sobre testes e exames. Portanto, avalia-se para que haja um acompanhamento da escola sobre a prática pedagógica, e conseqüentemente seu redimensionamento.

É preciso que seja utilizada toda e qualquer forma de avaliar seu aluno para que ele não saia prejudicado, ou seja, para que não se cometa uma injustiça.

[...] é formativa toda avaliação que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo. Tal é a base de uma abordagem pragmática. Importa claro, saber como a avaliação formativa ajuda o aluno a aprender, por que medições ela retroage sobre os processos de aprendizagem [...]. (PERRENOUD, 1998, p. 103).

A concepção definido pelo autor no texto acima é a formativa, que ajuda o aluno no processo de aprendizagem em sua formação. E os instrumentos utilizados pelos professores estão relacionados aos que podemos identificar em parte como práticas avaliativas.

Para Arruda (2013, p. 121), pode-se buscar “evidência de que o professor informante vive conflitos em sua reflexão acerca dos instrumentos de avaliação a serem utilizados”. Ela também reforça o discurso de que nem sempre “prova” mede o conhecimento do aluno, pois o

estudante pode ter passado por algum problema no seio familiar e não estar bem, fato que pode atrapalhar no momento das avaliações.

Questionamos como escolhem os instrumentos para avaliar no cotidiano escolar. A maioria não soube responder e as que responderam disseram que é basicamente pesquisando ou através do planejamento da aula. É importante destacar que os instrumentos a serem escolhidos para uma boa avaliação da aprendizagem dos alunos dependem do planejamento, como declara Haydt (1994, p. 287):

A seleção das técnicas e dos instrumentos de avaliação deve ser realizada durante o processo de planejamento de ensino, para que haja melhor adequação dos recursos de avaliação aos objetivos previstos, aos conteúdos estabelecidos e às atividades propostas para o processo ensino-aprendizagem. Devem ser utilizadas técnicas variadas e instrumentos diversos de avaliação. [...] Para que a avaliação possa desempenhar essas funções é necessário o uso, combinado, de várias técnicas e instrumentos. Quanto mais dados o professor puder colher na avaliação, utilizando instrumentos variados e adequados aos objetivos propostos, tanto mais informações terá a seu dispor para re-planejar o seu trabalho e orientar a aprendizagem dos alunos.

Como vimos, a autora destaca a importância da escolha dos instrumentos a serem realizados durante o planejamento, então o que a professora disse a respeito do modo como escolhe seus instrumentos está de acordo com a concepção da autora.

Ao serem questionadas a respeito da melhor forma de avaliação dos alunos, as professoras responderam que a melhor forma de avaliar é no dia a dia, com atividades que possam ser praticadas em sala de aula, como afirma a P1: “quando eles praticam na sala, porque vejo que realmente aprenderam, qual o retorno que eles me dão, não só na escrita como na produção usando a mente”.

Almeida e Franco (2011, p. 17) afirmam que:

A cada experiência, inventariamos o repertório de conhecimentos que desenvolvemos ao ouvir e observar os outros com atenção e reproduzir seu conhecimento. Nós nos apoiamos nesses conhecimentos guardados em nossa memória e nas habilidades já aprendidas para adquirir e incorporar novos conhecimentos e habilidades, que serão acionados na próxima experiência de aprendizagem.

Nesse contexto, tais autores deixam claro que é importante a experiência de observar e praticar os conteúdos dados em sala de aula, percepção que se afina com a demonstrada pelas professoras pesquisadas.

Como todo e qualquer método de ensino apresenta dificuldades, aproveitamos para questioná-las se encontram obstáculos para avaliar seus alunos. A P1 mencionou a falta de recursos na escola, mas disse não deixar se abater para ir em busca de coisas novas. “Dificuldades são muitas, porque muitos recursos às vezes não tem na escola e a gente tem que correr atrás, então eu sempre estou procurando trazer, tenho vários materiais, um deles é jogos, que eu mesma faço, crio e vou trazendo”. P2 e P4 disseram que não encontram dificuldades para avaliar, mas P4 não generaliza, pois alguns dos seus alunos “são devagar” e outros não: “os que são devagar é preciso ajudá-los além do que os outros”.

Assim como afirma Vasconcelos (2013, p. 130-131):

[...] os profissionais enfrentam o desafio de romper com a cultura escolar fragmentada e proporão mudanças na cultura profissional, modificando uma visão tradicionalista de avaliar, que significa promover a emergência de novas relações entre os elementos pedagógicos. Isso representa um desafio e faz emergir um novo modo de pensar e fazer a educação.

Nessa perspectiva, os professores precisam encontrar maneiras de enfrentar essas dificuldades no processo de avaliar seus alunos. Mesmo que as escolas não ofereçam, as professoras precisam pesquisar e encontram maneiras que facilitem o aprendizado dos alunos.

Ao serem indagadas em relação ao que fazem quando a avaliação não atinge o resultado, elas responderam que realizam revisão e depois prova paralela, que é aplicada a cada bimestre. Fiquei surpresa com a resposta da P3, que disse: “dá vontade de rasgar a prova, pois passamos dois meses ensinando os assuntos, tem revisão e na prova não sai nada”. Essa reação da P3 está ligada à frustração de não conseguir atingir a meta esperada.

As dificuldades que os professores da educação básica têm apresentado, ao lidar com o tema da avaliação, têm sido tão grandes que, quase sempre, chegam a passar um sentimento de impotência, lançando-os ora numa espécie de limbo agonizante, ora no consolo da acomodação. Com relativa dose de razão, a maioria está cansada das inovações inconsistentes e da efemeridade dos modismos, agravados pela descontinuidade das propostas. (ROMÃO, 2011, p. 24).

Por outro lado, P4 disse: “eu me avalio, porque, se meu aluno não tá conseguindo, então tem alguma coisa errada que eu preciso mudar, qual metodologia que estou usando que não tá dando certo? Então eu me autoavalio”. Com essa resposta, já entramos nas próximas perguntas, que são: “A avaliação também serve para avaliar o professor? Por quê?” O retorno foi unânime entre as professoras quando disseram que serve e que é muito importante. Para elas, é fundamental autoavaliar-se ao medir o conhecimento dos alunos, por ser um parâmetro

útil de reflexão sobre os métodos utilizados pelas professoras em sala. Como assegura Furlan (2007, p. 44), “avaliar não é um procedimento à parte da aprendizagem. Avaliar é observar, a cada momento, o aluno e se observar como professor. Porém, isso não significa que a avaliação não deva ser formalizada”. Para essa autora, avaliar-se está ligado ao avaliar seu aluno, são duas práticas que andam juntas e dependem uma da outra.

Do mesmo modo, Haydt (1988, p. 147) fala sobre a função educativa da autoavaliação:

Estamos constantemente avaliando nossas próprias atitudes, habilidades, interesses e aptidões, para poder melhorar nosso desempenho e obter êxito nas atividades realizadas. A autoavaliação é uma forma de apreciação normalmente usada quando nos dedicamos a atividades significativas, decorrentes de um comportamento intencional.

Percebe-se que as autoras definem a autoavaliação como um processo de aperfeiçoamento da prática educativa, que envolve também os alunos, pois permite refletir sobre os pontos fortes e frágeis do processo de ensino-aprendizagem.

Na abordagem da próxima questão, investigou-se o que, segundo as professoras, poderia melhorar o processo de avaliação. As réplicas das docentes foram um pouco divergentes, pois as respostas de duas delas nada tinham a ver com a pergunta. Outra disse que deveria haver a participação dos pais e de pessoas qualificadas para auxiliar nas ideias e nos recursos. No entanto, duas docentes se sobressaíram nas respostas, as quais irei descrever. A P2 disse: “a gente já teve um avanço que não é mais aqueles 10 pontos, não é só aquela avaliação quantitativa, e sim essa qualitativa. A gente já tem um avanço, porque eu acho importante que tenha quantitativa, mas não só ela. Eu particularmente não concordo só com aquela prova, não para medir os conhecimentos dos alunos”. A P4 afirmou: “eu acho assim que deveria ter a nota, mas não se cobrar tanto a nota como se cobra. Uma prova avaliativa sim, mas não assim que o aluno dependesse apenas de uma prova pra passar [...]. Então eu concordo com a prova sim, mas não completamente, eu acho que deveria ser meio a meio”.

As professoras que lecionam há mais tempo têm melhor entendimento do sistema. Como disse a P2, “já houve melhorias com o passar dos anos”, percepção que se coaduna com a seguinte afirmação de Pimentel e Cavallet (2016, p. 3):

Historicamente, é possível verificar que não havia preocupação com a educação por parte do Estado, este sempre beneficiou as classes sociais mais abastadas, portanto, não havia preocupação com a qualidade do ensino, mas sim, com a quantidade de conteúdo “ensinado”. Essa maneira de avaliar perdurou até a década de 1990, quando teve início uma série de debates acerca de possíveis mudanças que tinham que ocorrer com o intuito de

impulsionar o desenvolvimento do ensino-aprendizagem e não apenas focar na nota, pois o grande objetivo deve ser o desenvolvimento do aluno.

Esses autores deixam claro o descaso das autoridades de antigamente com a educação. Só a partir da década de 90 que se foi pensar em mudanças na educação, para estabelecer outros critérios, além da nota, e assim poder avaliar melhor o conhecimento dos alunos.

Outra questão abordada foi sobre o Projeto Político-Pedagógico da escola. Por ser um documento importante para o funcionamento da prática educativa, elaborado coletivamente por toda a comunidade escolar, perguntamos se as professoras conheciam o PPP da sua unidade de ensino. As respostas foram divididas meio a meio: duas professoras disseram que não conhecem, e as outras duas responderam que conhecem. Para complementar essa questão, foi também perguntado se elas conhecem a concepção de avaliação que o PPP estipula. As duas que responderam na pergunta anterior não conhecer também não souberam responder; já as outras duas disseram que estavam envolvidas na elaboração, então afirmaram que a concepção que ele traz é de que deve ser feita a avaliação processual dia a dia. Assim relatou a P2: “é mais ou menos assim, que o aluno tem que ser avaliado no decorrer de todo o processo dia após dia”.

As professoras, apesar de não saberem claramente o que diz o PPP, falaram como deveria ser a avaliação. De acordo com Esteban (2002, p. 14-15), “a avaliação feita pelo professor se fundamenta na fragmentação do processo ensino-aprendizagem e na classificação das respostas de seus alunos e alunas, a partir de um padrão pré-delimitado”, o que pode ser relacionado ao PPP, pois o documento predetermina como devem ser avaliados os alunos da escola, o que os docentes devem fazer e como fazer, para auxiliar os professores na avaliação.

A última questão abordada versava sobre como deveria ser a avaliação no ensino fundamental menor. Muitas professoras tomaram como exemplo o que já praticam em sala, que é a avaliação processual, feita todos os dias. A P3 disse que precisa do acompanhamento dos pais. Já a P2 falou que, a partir do primeiro ano, o aluno deveria ser alfabetizado, pois, quando chegasse no 3º ano em diante, só iria evoluindo. A P1 e a P4 disseram que a avaliação escrita não deveria definir a nota do aluno. Dessa maneira, a P4 afirmou “que a maior nota não tinha que ser a prova escrita, mas sim o processo do dia a dia que é a qualitativa”. Como diz Vasconcelos (2016, p. 106), “[...] uma vez reconhecida essa natureza, a avaliação deverá ajustar-se a ela se quiser ser fiel e manter a coerência epistemológica”. Para esse autor, a avaliação tem que ser reconhecida para que haja sentido nas avaliações e em seu processo. As professoras entrevistadas reconhecem que a avaliação no ensino fundamental menor precisa

ser aprimorada para melhor avaliar os seus alunos. Muitas vezes, o sistema de educação não ajuda na melhoria do processo de planejamento e na execução dos currículos.

Segundo Castro (2009, p. 7):

[...] um sistema nacional de avaliação em larga escala pode promover informações estratégicas para aprofundar o debate sobre a situação educacional de um país e mostrar o que os alunos estão aprendendo, ou o que deveriam ter aprendido, em relação aos conteúdos e habilidades básicas estabelecidos no currículo.

A avaliação deveria ser melhor estudada, pois se trata de um assunto que é constante em todos os ambientes, não só na área da educação, onde tem um papel fundamental para mediar o aprendizado dos alunos. Esse processo precisa ser revisto para que haja um melhor entendimento no significado de avaliação.

4.2.2 Sujeitos investigados da Escola Municipal Adelina Maria de Santana Souza

Neste tópico, será apresentada a entrevista semiestruturada realizada com as duas professoras da instituição supracitada, demonstrando os nexos entre suas concepções e as práticas no tocante à avaliação.

Quanto à pergunta que se referia à concepção de avaliação que as professoras têm sobre avaliação, elas responderam a respeito de como acreditam que seja a avaliação, deixando bem claro que a temática é relevante no aprendizado e na forma como elas percebem o retorno do quanto os seus alunos estão aprendendo, pois,

quando o professor encara o aluno como um ser integral, sua avaliação não incide apenas sobre fatores isolados do comportamento. Não avalia apenas a aquisição de conhecimento, limitando-se ao aspecto cognitivo, mas também verifica hábitos e habilidades de convívio social e constata a evidência de atitudes, analisando outras atitudes do comportamento. (HAYDT, 1994, p. 288).

Nos termos apontados pela autora supracitada, vimos que é importante observar toda a desenvoltura dos alunos, é preciso que sejam notadas no aluno todas as formas de aprendizado e de entendimento que ele adquire durante seu processo de aprendizagem.

Ao serem questionadas a respeito da importância da avaliação, elas responderam que se trata de algo necessário para o desenvolvimento, como diz a P2 a “avaliação para o professor é muito importante não tanto para pontuar, [...] eu quero avaliar para sentir o

aprendizado deles e, se não está aparecendo, eu preciso mudar”. Compreende-se que elas têm consciência de que avaliação é importante tanto para o aluno quanto para o educador poderem ver como está o trabalho em sala. Como afirma Luckesi (2003, apud NEVES 2008, p. 26), “a avaliação deverá ser assumida como instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem”. É notável que a avaliação é importante em todos os estágios e no processo de aprendizagem dos alunos na vida escolar e fora dela.

Os instrumentos que são utilizados pelos professores para avaliar seus alunos são basicamente atividades de sala, participação nas aulas, provas, trabalhos. Porém Perrenoud (1998, p. 103) afirma que “toda avaliação que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo” é chamada de formativa, pois, além de ajudar o professor, é uma das maneiras de avaliar o aprendizado dos alunos. Para poder escolher os instrumentos, as professoras dizem que pesquisam de acordo com conhecimento dos alunos, como afirma a P1: “pesquisando de acordo com as necessidades de cada um, nem sempre os alunos aprendem de forma igual, então faço o diagnóstico da sala e depois pesquiso os assuntos e as atividades”. Traçar objetivos a partir desse diagnóstico é muito importante para que o professor não se perca no caminho, como revela Silva (2014, p. 19): “avaliação escolar é parte que integra o processo ensino-aprendizagem, por essa razão é necessário que os objetivos a serem alcançados sejam claros, pois os alunos necessitam saber para que estão trabalhando e no que estão sendo avaliados”. As práticas avaliativas devem ser objetivas para permitirem que os objetivos de aula sejam alcançados e para que os alunos tenham a convicção de que é preciso aprender.

Ao serem questionadas sobre qual a melhor forma de avaliar seus alunos, elas responderam favoravelmente à avaliação processual continuada, pois, acreditam que, se a nota for baseada somente na prova, muitas vezes o aluno não se sairá bem, por poder estar nervoso ou ansioso e assim ter bloqueados os seus conhecimentos.

Discutindo essa questão, afirma Gatti (2009, p. 65):

[...] a importância atribuída pelos professores às provas na determinação da avaliação dos alunos é muito conhecida. Em geral uma grande ansiedade é desenvolvida na preparação para a prova, na sua realização e na discussão dos resultados em sala de aula. Tudo isso interfere na realização do aluno e na sua aprendizagem.

Percebe-se que a importância é dada não só pelos alunos, mas também pelas professoras na forma de elaborarem as provas. No entanto, as dificuldades aparecem no decorrer de todo o processo, como afirma a P2: “as dificuldades estão relacionadas às necessidades de participação da família e acompanhamento da mesma na escola”. Para Furlan (2007, p. 32), “[...] avaliação da aprendizagem escolar pode ser definida como meio de obter informações sobre os avanços e dificuldades dos alunos”. Muitas vezes, as dificuldades que os professores encontram na sala partem dos desafios enfrentados pelos alunos. Trata-se de uma questão que precisa ser considerada para que os professores consigam encontrar uma maneira melhor ajudar os alunos.

Após as dificuldades, as professoras têm que lidar com os alunos que não conseguem atingir o resultado esperado nas avaliações. Elas fazem a recuperação paralela, pois já é algo previsto nas normas da escola para ajudar os alunos. Segundo Berger (2002, p. 43):

Por conseguinte, avaliação tem como objetivo diagnosticar os progressos ou as deficiências e dificuldades do aluno em termos de aprendizagem a fim de verificar em que aspecto ele está precisando de ajuda, concorrendo, assim, para seu crescimento, o que também favorece o trabalho do educador.

Para esse autor, as dificuldades em não atingirem a média desejada é uma forma de o professor perceber onde os alunos estão precisando de ajuda na sua trajetória. Dessa forma, o professor precisa orientar seus alunos e ajudá-los nesse processo para que melhorem na aprendizagem.

Quando o aluno não consegue atingir a média, muitas vezes, o professor precisa se autoavaliar para perceber como está desenvolvendo o seu método de ensino e se o modo como passa os conteúdos está ajudando seus alunos. P1 e P2 acreditam na autoavaliação a partir do retorno da aprendizagem dos seus alunos.

Quando questionadas a respeito do que precisa ser melhorado no processo de avaliação, elas responderam que já houve um grande avanço com o passar dos tempos, como está explícito na fala da P2: “já tivemos um avanço onde não é mais aqueles 10 pontos da avaliação quantitativa, hoje ela é uma avaliação processual, pois não concordo só com a prova para medir os conhecimentos dos alunos”. Para ela, avaliar os alunos a partir de outros métodos e instrumentos melhora a percepção sobre os conhecimentos de aprendizagem de seus alunos.

Ao perguntar se as docentes conhecem o PPP da escola, a P2 disse que sim, pois ajudou na elaboração do mesmo; já a P1 afirmou não conhecer, já que trabalha há pouco

tempo na instituição. Para complementar a pergunta, perguntamos a concepção que o documento traz sobre avaliação. P2 disse que o aluno precisa ser avaliado no decorrer de todo o processo. Para Chueiri (2008, p. 61): “o conceito de avaliação para qualificar exige que a questão metodológica da avaliação seja tratada com pluralidade e maior flexibilidade a fim de contemplar as diferenças”. O PPP deveria ser um dos instrumentos utilizados pelos professores, mas muitos deles nem sabem que existe e nem que é feito com a participação de toda a comunidade escolar.

Na última questão, queríamos saber como deveria ser a avaliação no ensino fundamental menor. A P2 afirmou que tem que ser processual, sem se fazer uso apenas da prova quantitativa, devendo-se avaliar todos os dias, pois os alunos se desenvolvem dia após dia.

Assim as avaliações transcendem argumentos, uma vez que é preciso assumir maior flexibilidade no contexto no processo de aprendizagem dos alunos. A avaliação da aprendizagem é uma prática que está presente em todas as etapas de nossa existência, portanto é preciso que seja planejada para ser possível a sua melhor realização, para que haja possibilidades de ensino-aprendizagem dos alunos, para que se alcance uma melhor valorização do processo de ensino.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos pressupostos elencados ao longo do texto, vê-se que a concepção e os instrumentos de avaliação utilizados pelas professoras das duas escolas da rede municipal de Lagarto revelaram-se defasados tanto no método quanto nos instrumentos que utilizam. Na análise das entrevistas, foi possível perceber uma concepção real e concreta de que não tem que haver a parte da avaliação que traz a nota a “prova”. As docentes sabem que faz parte de um processo que está ligado à prática pedagógica e ao reconhecimento do papel que devem desempenhar. As respostas revelam que a avaliação também serve para verificar os conteúdos dados, servindo para avaliar se estão realmente ensinando aos alunos. Percebemos que as professoras dizem poder rever os seus métodos, a partir das avaliações, por estarem fazendo um diagnóstico, mas constatamos que às vezes elas percebem que está faltando algo para que essa metodologia se torne realmente uma alternativa para ajudar aos alunos no seu processo de aprendizagem e para que sua prática não seja autoritária e classificatória, mas sim processual.

As contradições apresentadas pelas professoras em algumas de suas respostas mostram possível falta de conhecimento, talvez por terem alguns anos de formação ou de sala sem que façam algum tipo de formação continuada em avaliação para melhor entenderem como funciona o processo. As professoras transferem para os pais a falta de acompanhamento em casa e na vida dos filhos na escola, considerando que os professores não têm a responsabilidade total sobre a aprendizagem dos alunos, pois passam a menor parte do seu dia na escola e existe a contribuição dos pais e sociedade na sua formação com seres humanos.

As concepções de instrumentos apresentadas pelos sujeitos investigados levam a crer que a percepção que têm sobre as práticas avaliativas convencionais pouco mudaram de convencionais para inovadoras ao passar do tempo. As docentes refletem os instrumentos utilizados por professores que as ensinaram na graduação ou em todo o processo de formação. Elas estão simplesmente reproduzindo o que receberam antes na sua formação.

Os resultados desta pesquisa apontam que as professoras tratam a avaliação como diagnóstico processual e com efeito de mudança da metodologia quando responderam que se servem de autoavaliação quando verificam os resultados das “provas” feitas pelos alunos durante o processo de avaliação, porém, como a maior nota provém da “prova”, a avaliação processual não se dá o tempo todo. Nesse sentido, foram encontradas divergências nas

repostas, pois demonstram que a avaliação da aprendizagem se refere a uma verificação pontual do conteúdo aprendido.

Considerando as dificuldades que permeiam o processo de avaliação da aprendizagem, sabe-se que identificar, analisar e comparar as concepções das professoras pode trazer subsídios à reflexão sobre o tema abordado. Assim, esta monografia, além de oportunizar um relato e compreensão apurados sobre a concepção da avaliação das professoras, demonstrou que o ato de aprender está em todos que participam do processo ensino-aprendizagem. Dessa forma é preciso que quem ensina esteja preocupado com o que o aluno aprendeu e não com a “nota” e com a “prova”, responsabilizando-se com a aprendizagem do aluno.

Desse modo, a importância social desta pesquisa está no reconhecimento de que as reformas educacionais e os avanços teóricos sobre a avaliação da aprendizagem escolar apontam para a necessidade de aprofundar os estudos que dizem respeito à temática, visando redimensioná-la. Para as escolas pesquisadas ou pelo menos para as professoras, a pesquisa permitiu pensarem sobre o modo como avaliam, que instrumentos utilizam para avaliar seus alunos, se realmente estão avaliando-os sem prejudicá-los. Levando em conta esses aspectos, conclui-se que os objetivos desta pesquisa foram alcançados, comprovados pelas respostas das professoras em relação à concepção e aos instrumentos avaliativos. Contudo sempre haverá dúvidas no que diz respeito à avaliação, mas com a certeza de que, ao final, há muito mais para encontrar, para solucionar do que já foi exposto. Dessa forma, é importante destacar que, ao finalizarmos esse trabalho, ele não se encontra concluso, ao contrário, há muito sobre o que refletir.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Mere. **Avaliando**: A avaliação da aprendizagem: Um novo olhar. São Paulo: Lúmen, 1996.

ALMEIDA, Fernando José de; FRANCO, Monica Gardelli. **Avaliação para a aprendizagem**: o processo avaliativo para melhorar o desempenho dos alunos. São Paulo: Ática Educadores, 2011.

ARRUDA, Clímene F. Brito. A mudança no processo de avaliação. In: DUTRA, Deise Prima; MELLO, Helena Ribeiro de. (Org.). **Educação Continuada**: diálogos entre ensino, pesquisa e extensão. Campinas: Pontes Editores, 2013. p. 107-140.

BERGER, Miguel, André. **Avaliação da Aprendizagem**: pressupostos teóricos, vivências e desafios. Aracaju: J. Andrade, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

CASTRO, Maria Helena Guimarães. Sistema de avaliação da educação no Brasil: avanços e novos desafios. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, Fundação Seade, v. 23, n. 1, p. 5-18, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v23n01/v23n01_01.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

CHUEIRI, Mary Stela Ferreira. Concepções sobre a Avaliação Escolar. Associação Brasileira de Avaliação Educacional – Abave. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 19, n. 39, jan./abr. 2008.

DIAS SOBRINHO, José. **Universidade e Avaliação**: entre a ética e o mercado. Florianópolis: Insular, 2002.

DUARTE, Sérgio Lemos; GOMES, Thiago Simões; RIBEIRO, Karem Cristina de Sousa. Avaliação Empresarial Contábil: Uma análise no setor sucroalcooleiro. **Revista Razão Contábil & Finanças**, Fortaleza, v. 3, n. 2, p.76-90, dez. 2012.

DUTRA, Deise, Prima. MELLO, Helena Ribeiro de (Org.). **Educação Continuada**: diagnóstico entre ensino, pesquisa e extensão. Campinas: Pontos Editoriais, 2013.

ESCOLA MUNICIPAL ADELINA MARIA DE SANTANA SOUZA. **Projeto Político-Pedagógico**. Lagarto: atualizado em 2018.

ESCOLA MUNICIPAL FREI CRISTÓVÃO DE SANTO HILÁRIO. **Projeto Político-Pedagógico**. Lagarto: 2016.

ESTEBAN, Maria Teresa. **Avaliação**: uma prática em busca de novos sentidos. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FURLAN, Maria, Ignez Carlin. **Avaliação da aprendizagem escolar: convergências, divergências**. 1. ed. São Paulo: Amablume, 2007.

GATTI, Bernadete A. A avaliação em sala de aula. **Revista Brasileira de docência, ensino e pesquisa em turismo**. ISSN 1984-5952, v. 1, n. 1, p. 61-77, maio 2009.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE, Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, 1995.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito e desafio; uma perspectiva construtivista**. 6. ed. Porto Alegre: Educação e Realidade, 2000.

HAYDT, Regina Celia Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. 3. ed. São Paulo: Ática 1992.

HAYDT, Regina Celia Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2008.

HAYDT, Regina Celia Cazaux. **Curso de Didática Geral**. São Paulo: Ática, 1994.

IBGE. **Censo Demográfico 2017**. Disponível em:
<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/lagarto/panorama>> Acesso em: 20 jul. 2018.

LANNES, Deise; VELLOSO, Andréa. Avaliação formativa: revendo decisões e ações educativas. **Revista Educação Pública**. 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 1996.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22. ed. São Paulo: Cortez. 2011.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

NEVES, Isabel, Cristina. **Avaliação da aprendizagem: concepções e práticas de formadores de professores**. Guarapuava: Unicentro. 2008.

OLIVEIRA Clarisse Borges da Silva. **Repensando a avaliação escolar**. 8 de Março de 2011.

PERRENOUD, Phillipe. **Avaliação: da excelência à regularização das aprendizagens: entre duas lógicas**, Porto Alegre: Artmed, 1998.

PERRENOUD, Phillipe. (Org.). **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PIMENTEL, Dircilene Silva de Sene; CAVALLET, Valdo José. Avaliação escolar: analisando os avanços e retrocessos no processo ensino aprendizagem. **Cadernos PDE**. Paraná, v. 1, 2016.

ROMÃO, José, Eustáquio. **Avaliação diagnóstica: desafios e perspectivas**. 9. ed. São Pulo: Cortez. 2011.

SANTOS, C. R. (et. al.) **Avaliação Educacional: um olhar reflexivo sobre sua prática, e vários autores**. São Paulo: Avercamp. 2005.

SILVA, Luciene da. **Avaliação de aprendizagem para além da classificação**. 2014. 40 f. Trabalho de conclusão de curso (Monografia) – Curso de Pedagogia, Faculdade Nossa Senhora Aparecida – FANAP, Aparecida de Goiânia, 2014.

SOARES, Magda. B. Avaliação educacional e clientela escolar. In: _____. **Introdução à Psicologia Escolar**. São Paulo: T.A. Queiróz, 1981.

SOEIRO, Leda; AVELINE, Suelly. **Avaliação Educacional**. Porto Alegre: Sulina, 1982.

VASCONCELOS, Carlos Alberto. **Avaliação Educacional: concepções de formandos em Pedagogia**. *Série-Estudos*, Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB. Campo Grande, MS, n. 36, p. 129-141, jul./dez. 2013.

VASCONCELOS, Carlos Alberto. Avaliação da aprendizagem: concepções, práticas e depoimentos. **Tecnologias, currículo e diversidades: substratos teórico-práticos da/na educação** [recurso eletrônico]. São Cristóvão: Editora UFS, 2016. v1, 100-124 p.

VIGORENA. Débora Andrea Liessem. Procedimentos de coleta de dados em trabalhos de conclusão do curso de Secretariado Executivo da Unioeste/PR. **Revista do Secretariado Executivo**, Passo Fundo, p. 95-111, n. 7, 2011.

APÊNDICE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Tema da pesquisa: Avaliação da Aprendizagem: Instrumentos avaliativos utilizados por professores no município de Lagarto (SE).

Objetivo: analisar a concepção e os instrumentos de avaliação dos professores de duas escolas municipais de Lagarto.

Idade: _____ Sexo: () Masculino () Feminino () outro

Tempo de docência: _____

Formação: _____

Graduação: _____ Instituição: _____

Pós-graduação: _____ Qual? _____ Instituição? _____

Quanto tempo trabalha nesta escola? _____

Você trabalha em outra escola? _____ Qual? _____ Função: _____

Faz algum curso de formação continuada? _____ Qual? _____

1ª) Qual sua concepção sobre avaliação?

2ª) Qual a importância da avaliação?

3ª) Quais instrumentos você utiliza para avaliar no cotidiano escolar?

4ª) Como você escolhe os instrumentos de avaliação?

5ª) Qual a melhor forma de avaliar seus alunos?

6ª) Você encontra dificuldades para avaliar? Quais?

7ª) Quando a avaliação não atinge o resultado esperado, o que você faz?

8ª) A avaliação também serve para a avaliação do professor? Por quê?

9ª) Para você, o que poderia melhorar no processo de avaliação?

10ª) Você conhece o Projeto Político-Pedagógico de sua escola?

11ª) Qual a concepção que ele traz de avaliação?

12ª) Para você, como deveria ser a avaliação no ensino fundamental menor?